

A Ritmanálise

A Ritmanálise é um novo modelo integral de conhecimento operacional concebido pelo filósofo, físico e matemático português Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950) e apresentado à Europa, como tal, pelo filósofo e epistemólogo francês Gaston Bachelard a partir da obra *La Dialectique de la Durée* (1936) e até à morte deste (1962). Para a Ritmanálise, o ritmo é a própria energia de existência em todas as escalas e bem assim o princípio unificador da física, da biologia e da psicologia. Tanto o universo como a própria vida assentam em sistemas interactivos de ritmos sobrepostos, desde as frequências regulares da radiação, passando pelo pulsar vital, até às oscilações do psiquismo humano. Em linhas gerais, a Ritmanálise contém uma Física ritmanalítica (que investiga as frequências ondulatórias e vibratórias da luz e da matéria), uma Biologia ritmanalítica (que investiga os ritmos vitais, segundo o paradigma ondulatório, desde as vibrações mais básicas até aos ritmos e ciclos cosmobiológicos em que assenta a vida) e uma Psicologia ritmanalítica (que investiga as ambivalências e as oscilações psicossomáticas, qualitativamente posicionadas). No seu conjunto, a Ritmanálise incide sobre a generalidade dos saberes, ritmanaliticamente perspectivados (conglobando ramos tão díspares como uma ergoterapia, uma dietética ou uma pedagogia...). A Ritmanálise tem influenciado os horizontes cognitivos contemporâneos, repercutindo-se em diversas áreas do conhecimento como a Ritmodinâmica, a Cronobiologia, a Análise de Ritmos Sociais, ou as Epistemologias da Comunicação. Num sentido mais complexo, porém, a Ritmanálise permanece *terra incógnita*. Actualmente, o interesse pela Ritmanálise conhece um renovado impulso, de que é sinal inequívoco a presença das suas temáticas em vários colóquios internacionais, carecendo embora a generalidade destes do conhecimento da língua e da tradição matricial em que foi pensada e formalizada a Ritmanálise. Foi esta tradição e a génese da Ritmanálise, bem como os seus horizontes, o que configurou o projecto de investigação “Ritmanálise: um novo modelo de conhecimento”, que procura agora o diálogo compreensivo com os múltiplos campos da ciência médica.

No novo modelo cognitivo da Ritmanálise, centrado na interpretação ondulatória do movimento (posto que, como sabemos desde os inícios do século XX, há reversibilidade de transformação da matéria e da radiação ondulatória), o conceito da acção de substâncias, necessariamente uma acção vibrada, encaminha-se complementarmente para um conceito qualitativo de *radiação* na compreensão da temporalização vibrada das substâncias e particularmente da substância medicinal, ultrapassando assim uma interpretação meramente *substancialista* que, redutoramente, pretende

que uma substância actue quase proporcionalmente à sua massa e quantidade. Deste ponto de vista, pode-se afirmar que certas substâncias químicas levam ao organismo, mais do que um conjunto de qualidades específicas, antes, um conjunto de vibrações específicas ou ritmos. Por outras palavras, trata-se de uma nova compreensão da dinâmica energética em que se deverá pensar, outrossim, na relação entre ritmos e sendo, desde logo, de ritmo a ritmo, mais do que de coisa a coisa, que se devam apreciar as acções terapêuticas. Trata-se de desencadear conscientemente as correctas vibrações biológicas naturais, distinguindo-as cuidadosamente das vibrações perigosas. De que vibrações temos normalmente necessidade? Eis a questão propriamente vital. Quais são as vibrações que se devem extinguir ou estimular? Quais as vibrações a reavivar ou a moderar? Eis a questão terapêutica. Toma-se como princípio fundamental a necessidade de sustentar os ritmos úteis e normais, de favorecer o acordo dos ritmos pessoais e dos ritmos impostos pela natureza, digamos, de salvaguardar a sinfonia das hormonas. Não cumprirá a uma Ritmanálise biológica tomar por tarefa a codificação de todos esses ritmos e dar à totalidade orgânica e substancial o sentido “sinfónico”? Na passagem do material ao espiritual, entre matéria e memória, pode-se estabelecer todo um programa de pesquisas que permitam verificar a importância do factor da repetição e das possibilidades da renovação rítmica para o psiquismo mais ou menos perturbado. Tudo isto, julgamos, constitui uma forma de conhecimento, aliás tão multidisciplinar quanto intuitivo, de considerável interesse para a ciência e a investigação médicas.

Segundo Gaston Bachelard, coube ao criador da Ritmanálise “o mérito de ter mostrado o carácter verdadeiramente primordial da vibração na própria base da vida”. Enfim, se a vida assenta em ritmos, então o problema da medicina é, sem dúvida e como desde sempre se soube, a *arritmia*. Propõe-se assim, renovadamente, a noção de *ritmo* como noção heurística para os diversos horizontes da investigação médica. Uma Ritmanálise médica significará, não só a identificação e codificação de todos estes ritmos em que repousa a vida saudável, mas principalmente e em conjunto com a descoberta qualitativa do ritmo salutar, o modo da activação deste.

Tal é o convite particularmente endereçado à comunidade científica médica.

Rodrigo Sobral Cunha

(Professor Doutoramento em Filosofia da Ciência pela Universidade de Évora)